



## 100 anos

Batata. A cultura da batata. Henrique Raffard, há 100 anos, dedicou muitas linhas ao assunto. E citou dados da região:

Núcleos	Anos	Litros	Valor
SB	1885	26.400	—
	1888	387.600	46.512\$000
SC	1885	30.750	—
	1888	57.550	6.906\$000
Santana	1885	10.250	—
	1888	162.050	19.446\$000

E escreveu: “Em Santana a produção regulou ser de 50 por 1, mas nas terras mais frescas e ligeiramente inclinadas de S. Caetano, as quais eram também melhor estrumadas, têm-se obtido 100 por 1”.

E mais: “A base da fortuna pública em Moji das Cruzes e outras localidades do nosso Estado é hoje a cultura da batata. Entretanto, essa cultura não é suscetível de mais ampla extensão, porque não conta com o mercado certo. O frete das nossas estradas de ferro não lhe permite ainda entrar abertamente em luta com a batata do Rio da Prata no nosso principal mercado, o da Capital Federal. E o que acontece com a batata, acontece com muito outros produtos da pequena lavoura”.

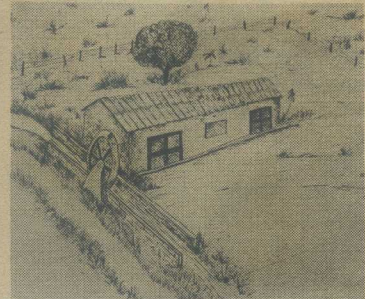


Reprodução-Maurício Pavan

## Roda moinho...

Dos tempos coloniais de São Caetano, a roda de moinho no rio dos Meninos de uma antiga fábrica de pólvora de Attilio Tosetti. E dois documentos: a fotografia da roda do moinho, com o menino José Fernando à frente (descoberta por José Perucchi), e o desenho de Myriam Cecília em abril de 1988, com base em depoimento de Casério Veronesi.

O Museu Municipal de São Caetano guardou os dois documentos. E a diretora, museóloga Sonia Xavier, ouviu Elvira Ferraz, a dona Bibi, neta do velho Attilio: “Meu avô foi um dos fundadores de São Caetano, era bolonês... A fábrica de pólvora foi vendida para o Ali-



berti que fabricava botões... Deixei a escola no primeiro ano para trabalhar aos nove anos. Comecei a trabalhar no Aliberti, sem registro. E quando chegava juizes de menores mandavam nos esconder na cascata, embaixo do bambuzal”.